



# Aviso ao povo para não morrer de bexigas

Manuel José de Passos Lima



**casadesarmento**

centro de estudos do património

**AVISO AO POVO  
PARA  
NÃO MORRER DE BEXIGAS**

Manuel José de Passos Lima

**Estudo Introdutório**

Antero Ferreira  
María Isabel Porras Gallo



**casadesarmento**  
centro de estudos do património

## **Ficha Técnica**

Título:  
Aviso a la población para no morir de vejiguillas

Autor:  
Manuel José de Passos Lima

Estudo Introdutório:  
Antero Ferreira e María Isabel Porras Gallo

Capa:  
Alexandra Xavier

Edição:  
Casa de Sarmento

Design Editorial:  
Casa de Sarmento e Alexandra Xavier

Imagem da capa:  
“A ward in the Hampstead smallpox Hospital, 1871”.  
Autor desconhecido. Oxford Science Archive.

Impressão:  
Empresa do Diário do Minho, Lda.

ISBN:  
978-989-54723-2-1

Depósito Legal:  
xxxx

Este livro foi traduzido para espanhol graças ao apoio do Centro Regional de Investigaciones Biomédicas (CRIB) da Universidade de Castilla-La Mancha.

## Índice

INTRODUÇÃO .....	5
A Introdução da inoculação da varíola .....	7
A chegada da vacinação a Espanha .....	11
A vacinação contra a varíola em Portugal .....	16
A publicação de Manuel José de Passos Lima .....	22
As fontes de Passos Lima .....	27
AVISO AO POVO PARA NÃO MORRER DE BEXIGAS .....	31
Prefácio .....	33
Capítulo I - Epidemias .....	39
Capítulo II - Vaccina .....	45
Capítulo III - Socorros urgentes para os doentes da varíola .....	53
Conclusão .....	63



## Introdução

Num momento em que os meios de comunicação são invadidos por especialistas que comentam a espuma dos dias, os investigadores na área da demografia e dos estudos de população devem procurar afirmar de forma credível e responsável o seu campo de investigação. Acima de tudo, consideramos que é nossa responsabilidade apresentar o que tem sido a evolução da população, os desafios que tem enfrentado no passado, bem como aqueles que hoje nos preocupam.

É nesse sentido, que consideramos oportuno recordar algumas obras pioneiras que, confrontadas com o presente, têm a virtualidade de demonstrar que algumas dos acesos debates da atualidade já preocupavam os nossos antepassados e que a análise das suas respostas nos pode ainda hoje iluminar.

É o caso da multiplicidade de publicações que, desde inícios do século XIX, procuravam esclarecer a população dos benefícios da vacinação contra a varíola. Ao trazer a público estes textos, destacamos a credibilidade de uma abordagem consolidada ao longo de mais de dois séculos, com um enorme impacto na redução da mortalidade por doenças infecciosas.

Neste âmbito, é particularmente interessante a publicação do farmacêutico Manuel José de Passos Lima, que face à grave epidemia de «bexigas» que grassava na cidade de Guimarães em 1873, decidiu oferecer aos seus concidadãos um «Aviso ao povo para não morrer de bexigas...».

## **A introdução da inoculação da varíola**

A luta contra a varíola, doença responsável por uma elevada mortalidade e grandes deficiências (cegueira, cicatrizes graves), alterou-se substancialmente com a introdução, primeiro, da variolização e, depois, da vacinação. O primeiro destes procedimentos, que consistia em inocular uma pessoa saudável, sob a pele, com material varioloso de um caso leve, chegou ao continente europeu através da família de Wortley Montagu, embaixador inglês em Constantinopla, depois da sua esposa, Lady Mary, ter pedido ao médico, Emmanuel Timoni, de origem grega, que o aplicasse ao seu filho, em 1718. Os bons resultados obtidos encorajaram-na a divulgá-lo entre os seus amigos da



nobreza. A partir da Inglaterra, com o apoio da família real – os filhos dos príncipes de Gales foram vacinados em 1722 –, o procedimento chegou a outros países, como a Alemanha, a França, a Suécia, Portugal e Espanha, onde encontrou tanto apoiantes como detratores. Relativamente a estes dois últimos países, há provas da sua prática desde essa época, embora pareça ter sido mais relevante na segunda metade do século XVIII, como atestam Maximiano Lemos<sup>1</sup>, para Portugal, Paula de Demerson<sup>2</sup>, Susana Ramírez<sup>3</sup> e Pilar León e Dolores Baretino<sup>4</sup>, para Espanha.

Estima-se que, em Inglaterra, a variolização tenha reduzido em cerca de 10% a mortalidade infantil provocada por esta enfermidade, embora ocasionalmente tenha causado epidemias ou

---

<sup>1</sup> LEMOS, Maximiliano (1899). *História da medicina em Portugal. Doutrina e instituições*. Lisboa: Manoel Gomes, Vol. II, p.199.

<sup>2</sup> De DEMERSON, Paula (1993). “La práctica de la variolización en España”, *Asclepio*, 45(2): 3-39.

<sup>3</sup> RAMÍREZ MARTÍN, Susana María (2002), *La salud del imperio: la Real Expedición Filantrópica de la Vacuna*, Aranjuez (Madrid): Ediciones Doce Calles.

<sup>4</sup> LEÓN SANZ, Pilar; BARETTINO COLOMA, Dolores (2007). La polémica sobre la inoculación de las viruelas. En: LEÓN SANZ, Pilar; BARETTINO COLOMA, Dolores, *Vicente Ferrer Gorraiz Beaumont y Montesa (1718-1792), un polemista navarro de la Ilustración*. Gobierno de Navarra. Colección Temas de Historia de la Medicina, 6. Pamplona, pp. 205-270. Acessível em: <https://tinyurl.com/jyhmn6dc>

complicações em pessoas variolizadas, quer devido à deficiente aplicação do procedimento por parte de pessoas inexperientes, quer pelos métodos utilizados por alguns médicos ou cirurgiões. Gualter Wade, médico inglês e professor no *Real Colégio dos Nobres da Corte de Lisboa*, fez uma boa descrição desta situação na carta que enviou ao rei português em 1768, onde apresentava uma cuidadosa atualização do conhecimento sobre a varíola, do seu impacto social e dos diferentes métodos de inoculação variólica utilizados em Inglaterra. O texto termina com uma descrição de um novo método de inoculação, mais simples e vantajoso, que o médico inglês propunha que fosse aplicado em todo o reino<sup>5</sup>.

Em Portugal, este interesse pela inoculação só teve maiores desenvolvimentos na última década do século XVIII, com a criação do *Hospital Real da Inoculação das Bexigas*, que desenvolveu um programa de inoculação de crianças expostas, descrito na obra de Francisco Tavares (1750-1812), *Resultado das observações feitas no Hospital Real da Inoculação das Bexigas em 1796, 1797 e 1798*<sup>6</sup>. Entretanto, com a descoberta

---

<sup>5</sup> WADE, Gualter (1768). Carta a hum amigo sobre o estado actual da inoculação das bexigas. Lisboa: Offic. de Antonio Rodrigues Galhardo.

<sup>6</sup> TAVARES, Francisco; FRANCO, António Mendes; AMADO, Fortunato Rafael (1799). *Resultado das observações feitas no Hospital Real da inoculação das bexigas nos annos de 1796, 1797, e 1798. Pelos medicos*

da vacina de Jenner, esta prática acabou por ser abandonada<sup>7</sup>.

Em Espanha, foi o beneditino Padre Feijoo (1676-1764) quem primeiro transcreveu os ensaios ingleses de inoculação da varíola (1724-1725), assinalando a sua utilidade, mas sem assumir uma posição clara. Alguns anos mais tarde, em 1747, quando este procedimento para combater a varíola ainda só era aceite em Inglaterra, o *Real Protomedicato* comunicou ao *Conselho de Castela* a sua oposição, embora com uma atitude aberta à sua utilização posterior, quando a segurança e eficácia fossem demonstradas. Um dos motivos de preocupação era que, em tempos de epidemia, as inoculações não eram apenas realizadas por pessoal especializado (médicos, cirurgiões, boticários), mas também por qualquer pessoa, o que poderia resultar em graves riscos. Em 1754, com a publicação da versão espanhola da *Mémoire sur l'inoculation de la petite vérole*, de Charles-Marie de La Condamine (1701-1774), este procedimento alcançou uma maior difusão. Ao

---

*do mesmo hospital Antonio Mendes Franco, e Fortunato Rafael Amado.* Disponível em <https://iif.wellcomecollection.org/pdf/b28761509>.

<sup>7</sup> PINTO, Hélio de Jesus Ferreira de Oliveira (2015). *Jacob de Castro Sarmiento e o Conhecimento Médico e Científico do século XVIII*. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa. Tese de doutoramento. Disponível em <https://run.unl.pt/handle/10362/15795>.

mesmo tempo intensificava-se o debate entre críticos e apoiantes, com a participação dos médicos mais proeminentes e de algumas figuras religiosas. Entre outros, dois médicos militares, Timoteo O'Scanlan (1726-1800), nascido em New Castle (Grã-Bretanha), que aprendeu o método em Paris, e Miguel Gorman (1749-1819), originário de Dublin (Irlanda), que o aprendeu em Londres, foram figuras-chave na difusão da prática da inoculação da varíola em Espanha, a partir de 1771. Este processo culminou com o Decreto Real de 1798, que, pela primeira vez, conferiu um estatuto oficial a este procedimento profilático. Por essa altura, há vários anos que a maioria dos países europeus o aceitava e aplicava intensamente, e Edward Jenner (1749-1810) já realizara, em 1796, a primeira vacinação numa criança.

### **A chegada da vacinação a Espanha**

Apesar de, em 1799, se ter publicado em Espanha a primeira obra que reunia uma coleção de textos ingleses e franceses sobre a vacina contra a varíola, as primeiras vacinações só foram efetuadas em 1800 pelo médico catalão Francisco Piguillem (1771-1826), utilizando linfa

vacínica de Paris<sup>8</sup>. Apesar da introdução da vacina ter provocado um intenso debate, generalizou-se rapidamente até 1803. Nesse ano, iniciou-se a expedição Balmis, que levou o novo recurso profilático aos territórios ultramarinos da coroa espanhola, tendo regressado ao porto de Lisboa, a 14 de agosto de 1804<sup>9</sup>. Este evento coincidiu com um retrocesso na prática da vacinação na maioria dos países europeus, incluindo Espanha e Portugal, explicado pela falta de instituições e de um quadro legislativo que garantisse a sua implementação<sup>10</sup>.

O primeiro regulamento legal em Espanha foi o Decreto Real de 21 de abril de 1805, que estabelecia a

---

<sup>8</sup> PIGUILLEM, F. (1801), *La vacuna en España o cartas familiares sobre esta inoculación escritas a la señora \*\**, Barcelona, Sierra y Oliver Martí. Danon, J. (2000), «Estudi preliminar sobre Francesc Piguillem en la Medicina catalana del seu temps». En: PIGUILLEM, F. (1801), *La vacuna en España o cartas familiares sobre esta inoculación escritas a la señora \*\**, Puigcerdá, Fundación Uriach, pp. 531.

<sup>9</sup> BALAGUER PERIGÜEL, E.; BALLESTER AÑÓN, R. (2003) *En el nombre de los Niños. Real Expedición Filantrópica de la Vacuna 1803-1806*, Monografías de la AEP. Accesible en: <https://tinyurl.com/rpu4sy5p>; León Sanz, P.; Baretino Coloma, D. (2007).

<sup>10</sup> OLAGÜE DE ROS, G. (1995) «La introducción de la vacunación jenneriana en España (1799-1805)». En: BARONA, J. L. (ed.), *Malaltia i Cultura. València, Seminari d'Estudis sobre la Ciència*, 251273; OLAGÜE DE ROS, G.; ASTRAIN GALLART, M. (2004) ¡Salvad a los niños!: Los primeros pasos de la vacunación antivariólica en España (1799-1805), *Asclepio*, 56(1), 731.

necessidade de se criar uma sala de vacinação nos hospitais das capitais de província. A sua implementação não teve grande sucesso, embora tenha sido recordado pela Ordem Real de 14 de agosto de 1815 e pela Circular do Conselho Real de 8 de julho de 1817, que também não melhoraram a situação. O Regulamento de 2 de agosto de 1848 procurou alterar este panorama, através da promoção da vacinação e da vigilância das epidemias de varíola, mas não se fez acompanhar de nenhuma medida concreta para criar as instituições necessárias para o pôr em prática<sup>11</sup>.

Passadas algumas décadas, em 1871, durante o período conhecido como «Sexenio revolucionario», foi criado o *Instituto Nacional de Vacuna*, sob os auspícios da Academia de Medicina, que teve muito pouca atividade e gerou muitos conflitos com a Academia e outras instituições de saúde privadas<sup>12</sup>. Poucas mudanças tiveram lugar nas últimas décadas do século XIX, pois continuava a faltar uma rede institucional que tornasse possível a aplicação da vacina contra a varíola em todo o

---

<sup>11</sup> PORRAS GALLO, M.I. (2004) Luchando contra una de las causas de invalidez: antecedentes, contexto sanitario, gestión y aplicación del decreto de vacunación obligatoria contra la viruela de 1903, *Asclepio*, 56(1), 145168.

<sup>12</sup> BÁGUENA CERVELLERA, M.J. (2004) El Instituto Médico Valenciano y la difusión de la vacuna, *Asclepio*, 56(1), 6378.

país. Em 1885, criou-se o *Cuerpo Médico de Vacunadores del Estado*, mas com poucos recursos. Apesar do intenso debate sobre a vacinação obrigatória, esta não chegou a ser estabelecida, como tinha acontecido na Prússia, em 1874, após a relevância que a vacina contra a varíola adquiriu durante a guerra franco-prussiana de 1870.

Tentou-se suprir a incapacidade pública de resolver o problema favorecendo os laboratórios privados, mas, mesmo assim, não se conseguiu reduzir a morbidade e a mortalidade da varíola, que era uma das principais causas de morte, principalmente entre a população infantil, continuando regularmente a provocar grandes epidemias.

Em 1894, há uma nova tentativa de institucionalização pública, com a criação do *Instituto Nacional de Bacteriologia e Higiene*, que deveria ocupar-se da vacinação preventiva contra a varíola, mas que não chegou a funcionar. Só a partir de 1899, perante a presença da peste no Porto e o pessimismo ligado à catástrofe colonial de 1898, se criou uma instituição de caráter nacional, o *Instituto de Sueroterapia, Vacunación y Bacteriología de Alfonso XIII*, que, de facto, veio a desenvolver uma atividade relevante<sup>13</sup>. O seu trabalho

---

<sup>13</sup> PORRAS GALLO, M.I. (1998) Antecedentes y creación del Instituto de Sueroterapia, Vacunación y Bacteriología de Alfonso XIII, *Dynamis*, 18, p. 81105; PORRAS GALLO, M.I. (2019) El Instituto Nacional de Higiene de Alfonso XIII: origen, creación y labor desempeñada. EN:

somou-se ao que tinha começado a ser realizado pelos laboratórios municipais estabelecidos nas principais cidades espanholas nas últimas décadas do século XIX, embora acompanhado por tensões entre médicos, farmacêuticos e veterinários para conseguirem o controlo da produção e aplicação da vacina<sup>14</sup>.

Apesar disso, o século XIX terminou sem o estabelecimento da obrigatoriedade da vacinação contra a varíola, periodicamente solicitada por alguns sectores e recomendada, em 1898, no IX Congresso Internacional de Higiene e Demografia. Esta obrigatoriedade só se estabeleceu em 1903, mas unicamente em situações epidémicas. Estes condicionalismos impediram que a varíola deixasse de ser um grave problema de saúde pública, mesmo após a pandemia de gripe de 1918-1919.

A experiência espanhola tem alguns paralelismos com a experiência portuguesa, mas também diferenças relevantes, como se apresenta de seguida.

---

CARRASCOSA, Alfonso V.; BÁGUENA, María José (coords.), *El desarrollo de la Microbiología en España. Volumen I*. Madrid, Fundación Ramón Areces, pp. 69103.

<sup>14</sup> PORRAS GALLO, M.I. (2021) La construcción de un marco para luchar contra las enfermedades infecciosas en la España del primer tercio del siglo XX y su transformación por la pandemia de gripe de 19181919. En: OTERO CARVAJAL, L.E.; De MIGUEL SALANOVA, S. (eds.), *Sociedad urbana y salud pública*. Madrid: Los libros La Catarata, pp. 132-146.



## A vacinação contra a varíola em Portugal

A introdução da vacinação em Portugal ocorreu um pouco mais cedo do que em Espanha. As primeiras vacinações realizaram-se em 1799, em Lisboa, e tiveram um novo impulso a partir de 1812, graças à criação da *Instituição Vacínica*, no seio da Academia Real das Ciências de Lisboa. Segundo Maximiano Lemos, a vacinação começou «(...) pelos orphãos da Casa pia, e seguidamente, duas vezes por semana, se inoculavam as creanças ou adultos que appareciam»<sup>15</sup>. Esta instituição fomentou a criação de comissões vacínicas no país, criando condições para um alargamento do processo de inoculação – através dos relatórios publicados pela *Instituição Vacínica*, sabemos que terão sido vacinados 89.979 indivíduos entre 1812 e 1822<sup>16</sup>.

Em 1835, considerando que a credibilidade adquirida pela *Instituição Vacínica* dispensava os *auxílios científicos* da Academia, esta é transferida para a dependência do Estado, que se responsabiliza pelo pagamento dos vencimentos do pessoal afeto à vacinação<sup>17</sup>.

---

<sup>15</sup> LEMOS, Maximiano, *op. cit.*, p.387.

<sup>16</sup> *Idem*, p. 389.

<sup>17</sup> Portaria de 24 de fevereiro de 1835, disponível em:

Dois anos mais tarde, durante o governo setembrista, é instituído o *Conselho de Saúde Pública*, determinando-se que este órgão deveria propor com a maior brevidade «um regulamento para a propagação da vacina, e melhor forma de se obter della vantagem, consultando para esse fim a Academia das Sciencias de Lisboa, e os Membros actuaes da Instituição Vaccina»<sup>18</sup>.

O impulso que se queria transmitir à vacinação em Portugal reforçou-se em agosto de 1837, com a determinação de que não fosse admitido nenhum indivíduo nos colégios, escolas primárias e estabelecimentos públicos de caridade e beneficência, sem que se exigisse previamente uma declaração indicando que já tinham tido bexigas ou sido vacinados<sup>19</sup>.

Sete anos mais tarde, a *Instituição Vacínica* foi integrada no *Conselho de Saúde Pública*, no âmbito da reorganização promovida pela Lei de 18 de setembro de 1844, regulamentada em 1845<sup>20</sup>. Esta mudança foi

---

<https://legislacaoregia.parlamento.pt/V/1/16/84/p89>.

<sup>18</sup> Decreto de 3 de janeiro de 1837, disponível em: <https://legislacaoregia.parlamento.pt/V/1/18/15/p55>.

<sup>19</sup> Regulamento do Conselho de Saúde Pública, de 3 de janeiro de 1837, <https://legislacaoregia.parlamento.pt/V/1/18/33/p36>

<sup>20</sup> ALVES, Jorge Fernandes; CARNEIRO, Marinha (2012). A Saúde Pública em Portugal. Alguns delineamentos administrativos (Da monarquia à ditadura militar). In FERREIRA, Fátima Moura; MENDES, F.A; CAPELA,

importante, porque esta legislação continha um capítulo específico sobre a vacina, que determinava que «em todos os concelhos se fará a vacinação gratuita e publica ao menos duas vezes por mez» e que «as agulhetas necessárias, assim como os vidros e o pus vacínico serão fornecidos pelo Conselho de Saude Publica»<sup>21</sup>. Previa-se a existência de um registo oficial das pessoas vacinadas, possibilitando deste modo a emissão de um certificado de vacinação. Esta legislação foi suspensa em 1846, no contexto de uma grave crise política e social que o país então vivia – recorde-se que uma das motivações da revolta da Maria da Fonte foi a proibição do enterramento nas igrejas, prevista na Lei de 1844.

Uma medida importante, no sentido de corrigir o abrandamento da inoculação, na sequência da suspensão dessa lei, e de favorecer a generalização da vacina, foi a determinação de 1848, que ordenava que os cirurgiões do exército inoculassem os soldados que não estivessem vacinados, procedendo-se de seguida à revacinação, de seis em seis anos, de todos os que não tivessem tido bexigas<sup>22</sup>.

---

J.V. (2012). *Justiça na Res Publica (Secs. XIX-XX) - Ordem, Direitos Individuais e Defesa da Sociedade*. Porto: CITCEM, 2012, p.33-50

<sup>21</sup> Decreto de 26 de novembro de 1845, disponível em: <https://legislacaoregia.parlamento.pt/V/1/74/121/p357>.

<sup>22</sup> Ordem do exército de 2 de junho de 1858, disponível em:

Dez anos mais tarde, em 1868, reformou-se o serviço superior de saúde pública e determinou-se que a promoção da vacina deveria ser feita pelos «facultativos de partido do concelho»<sup>23</sup>. Esta medida não teve grande eficácia, dado que dois anos depois, em 1870, perante «o progresso da molestia variolosa ora reinante», o governo tem que recomendar às autoridades administrativas locais que «usem para com os chefes de família dos meios suasórios ao seu alcance para os convencer da proficuidade da vacina»<sup>24</sup>.

Foi neste contexto, marcado também por epidemias de varíola no território português, entre 1872 e 1874, que, em 1873, a imprensa vimaranense publicou um artigo a defender os benefícios da vacinação, bem como vários anúncios informando sobre os dias em que ela se podia realizar<sup>25</sup>. No mesmo sentido concorre também a publicação do farmacêutico Passos Lima que reproduzimos neste livro, e que foi publicitada na imprensa durante cerca de um ano.

---

<https://legislacaoregia.parlamento.pt/V/1/33/99/p140>.

<sup>23</sup> Decreto de 3 de dezembro de 1868, disponível em: <https://legislacaoregia.parlamento.pt/V/1/43/80/p453>

<sup>24</sup> Recomendação de 24 de fevereiro de 1870, disponível em: <https://legislacaoregia.parlamento.pt/V/1/45/74/p153>.

<sup>25</sup> *O Imparcial*, n.º 86, de 27 de maio de 1873, disponível em: <https://www.csarmento.uminho.pt/site/s/hemeroteca/item/91859>.

No entanto, parece que estes esforços não alcançaram o efeito desejado, porque, nove anos mais tarde, num debate da Câmara dos Deputados realizado em 14 de fevereiro de 1882, o médico António da Cunha Belém tem uma intervenção muito significativa, referindo que, em Portugal, se continuava a olhar com desdém para a varíola, que persistia como a mais mortífera das epidemias. Defendia, por isso, a vacinação obrigatória, pois, na sua opinião, cada um podia ter a liberdade de ter bexigas, mas não ao ponto de «ter a liberdade de as comunicar aos outros»<sup>26</sup>.

Entretanto, continuam os esforços para a divulgação da vacina. Assim, por exemplo, no jornal vimaranense *17 de Julho*, em 6 de dezembro de 1886, é publicada uma nota do Arcebispo Primaz de Braga, que, perante mais uma epidemia de bexigas, exorta os párocos a convencer os seus paroquianos, por todos os meios ao seu alcance, das grandes vantagens da vacina, informando sobre os dias e os locais em que funcionam os postos de vacinação<sup>27</sup>.

---

<sup>26</sup> Disponível em

<https://debates.parlamento.pt/catalogo/mc/cd/01/01/01/028/1882-02-14/334>.

<sup>27</sup> *17 de julho*, n.º 35 de 06/12/1886, disponível em:

<https://www.csarmento.uminho.pt/site/s/hemeroteca/item/72416>.

Neste longo processo de luta contra a varíola, tem particular importância o Decreto de 2 de março de 1899, que determina a obrigatoriedade da vacinação e revacinação anti-variolica, medida que vem a ser reforçada em 1911, após a implantação da República<sup>28</sup>.

Contudo, sabemos que nas primeiras décadas do século XX a varíola continuou a ter grande impacto na mortalidade, particularmente nos anos de 1918 e 1919<sup>29</sup>. Anos mais tarde, em 1938, Fernando da Silva Correia continuava a denunciar o número vergonhoso de óbitos devido à varíola, facto que se devia à proverbial renitência do povo à vacinação<sup>30</sup>.

Esta longa batalha tem o seu epílogo em 1977, data em que, perante a inexistência de casos em Portugal desde o ano de 1952, é suspensa a obrigatoriedade da vacinação antivariolica.

---

<sup>28</sup> Disponível em

<https://legislacaoregia.parlamento.pt/V/1/84/128/p76>.

<sup>29</sup> MORAIS, J. A. David de (2012). Surtos epidémicos ocorridos em Portugal na primeira metade do século XX: abordagem histórico-epidemiológica. II-Varíola. *Revista da Sociedade Portuguesa de Medicina Interna*, 19 (1), 43-50 . FERREIRA, Antero; OLIVEIRA, Célia; SILVA, Fátima (2019). Um grito de alarme. O estado sanitário de Guimarães (1918-1919). *Revista de Guimarães*, 129: 115–150.

<sup>30</sup> MORAIS, *Idem*, p. 46.

## A publicação de Manuel José de Passos de Lima

Em Guimarães, é principalmente no ano de 1873 que encontramos referências ao terrível impacto da varíola e à necessidade de promover a vacinação. A este propósito, *O Imparcial*, de 27 de maio de 1873, publica um desenvolvido artigo de primeira página, intitulado *A vacina*, de onde destacamos a seguinte passagem: «Em presença do medonho espetáculo da varíola, que caminha impávido e altivo de foice em punho, ceifando vidas preciosas no seio de nossas famílias, roubando-nos o irmão que amamos com fraternal affecto, a mãe que idolatramos e estremecemos, e o pae que respeitamos; em presença de tão assustadora epidemia, cremos que será opportuno dizer algumas palavras sobre a vaccina, que (...) recomendamos ao povo como preservativo contra as bexigas, que só d'est'arte trarão character benigno»<sup>31</sup>.

Face a este cenário, segundo o paleógrafo vimaranense João Lopes de Faria, «(...) a autoridade administrativa convidou os farmacêuticos para uma

<sup>31</sup> *O Imparcial*, n.º 86, de 27 de maio de 1873.

reunião a fim de prestarem todo o auxílio aos doentes atacados das bexigas, cuja epidemia grassava com intensidade, que estivessem em circunstâncias desfavoráveis e com poucos recursos para medicar-se no seu domicílio»<sup>32</sup>.

Respondendo a este desafio, o farmacêutico Manuel José de Passos de Lima redigiu este folheto, dividido em quatro partes —Epidemias, Vacina, Socorros urgentes para os doentes da varíola e Conclusão—, que forma, segundo as suas palavras, «um regulamento para guiar o povo sobre os meios que deve lançar mão, em quanto que o medico não chega para socorrer os enfermos atacados d’este flagelo», considerando que «no espirito e educação do povo, estão introduzidos erros enormes, respeito ao modo de socorrer os enfermos d’esta moléstia».

Quem era Manuel José de Passos Lima? Nascido em 1821, era o sexto filho de Bento José de Passos Lima, albardeiro, e de Josefa Teresa Teixeira, residentes na rua de S. Dâmaso. Do lado paterno, a sua família seria originária de Ponte de Lima, residindo em Guimarães há poucas gerações. Do lado materno, o seu avô, João Teixeira, era mestre oleiro, na Cruz de Pedra.

---

<sup>32</sup> FARIA, João Lopes (sd). *Efemérides*. Arquivo da Sociedade Martins Sarmento.



Desconhecemos o percurso de Manuel José de Passos Lima até 1841, ano em que obteve a carta de exame que lhe permitia exercer a profissão de farmacêutico. Sabemos que para aceder a esta profissão eram necessários oito anos de aprendizagem, sob a orientação de um farmacêutico. No final deste percurso, o candidato teria de se submeter a um exame final realizado nas escolas médico-cirúrgicas<sup>33</sup>. Tendo em conta a data da sua carta de exame (13/09/1841)<sup>34</sup>, calculamos que Passos Lima terá ingressado como aprendiz numa das farmácias vimaranenses, por volta de 1833, com cerca de 12 anos de idade. Não tendo qualquer conhecimento sobre a sua formação, é evidente, através da análise do folheto *Aviso ao povo para não morrer de bexigas*, que Manuel José dominava o latim, o francês e o inglês, citando (direta ou indiretamente) várias publicações nessas línguas.

Manuel José de Passos Lima, que por vezes assinava Manuel José de Passos Teixeira, também conhecido como o *Pilro*, casou-se em 1842, aos 21 anos, com Maria Emília, de 29 anos de idade. Não conhecemos a origem

---

<sup>33</sup> DIAS, J. P. Sousa (1994). *A farmácia em Portugal: uma introdução à sua história, 1338-1938*. Lisboa: Associação Nacional de Farmácias.

<sup>34</sup> Farmacêuticos Estabelecidos no Continente, Ilhas e Colónias (1843). Disponível em <http://www.cdf.pt/archeevo/details?id=1001127>;

familiar da esposa, pois tinha sido exposta. Foi testemunha do enlace o cirurgião Domingos José Ribeiro e Silva, o que indicia relações próximas com outros profissionais da área da saúde.

Após o casamento, o casal instalou-se numa casa da Travessa de Santa Rosa de Lima, onde Manuel José abriu a sua farmácia. Conseguimos comprovar que se manteve em atividade, pelo menos, até ao ano de 1878, pois já não consta da lista dos farmacêuticos vimaranenses em 1890<sup>35</sup>.

Passos Lima e Maria Emília não tiveram filhos. Acolheram uma criança exposta, de cinco anos de idade, a quem chamavam «afilhado» e que foi orientado para a vida religiosa. Este afilhado, o Padre Abílio Augusto de Passos, viria mais tarde a ser o herdeiro dos bens da família.

O farmacêutico Passos foi um profissional respeitado na sua arte. João Lopes de Faria refere-se a ele como «hábil farmacêutico» e sabemos também que assistiu o

---

<sup>35</sup> *Farmacêuticos Estabelecidos no Continente, Ilhas e Colónias* (1843). Disponível em <http://www.cdf.pt/archeevo/details?id=1001127>; *Catálogo Elucidativo do Número de Farmácias Existentes em Portugal, Ilhas e Colónias* (1890). Disponível em <http://www.cdf.pt/archeevo/details?id=1001129>; CARVALHO, J.M (1878). *Almanak da Cidade de Guimarães para 1878*. Porto: Typ. e Livraria Peninsular.

Conde de Azenha nas suas últimas horas, tendo sido o redator do seu testamento<sup>36</sup>.

Certamente que o exercício da profissão lhe proporcionou algum sucesso económico. À data da sua morte, os obituários apresentam-no como um «importante proprietário, que por largos anos desempenhou com muita proficiência e honradez o logar de pharmaceutico»<sup>37</sup>. Através do seu testamento, percebemos que, para além da casa onde vivia, possuía propriedades rústicas na freguesia de Pedome, do vizinho concelho de Vila Nova de Famalicão.

Manuel José Passos Lima, que tinha ficado viúvo em 1891, morre no ano de 1909. No seu testamento, nomeia no afilhado, o Padre Abílio Augusto de Passos, o usufruto das suas propriedades, dispondo que, após a morte deste, elas fossem vendidas e o seu produto dividido em quatro partes iguais, destinadas à proteção dos idosos acolhidos por instituições vimaranenses<sup>38</sup>.

Esta preocupação social transparece também nas notas recolhidas na imprensa vimaranense por altura do

---

<sup>36</sup> FARIA, João Lopes (sd). *Efemérides*. Arquivo da Sociedade Martins Sarmento.

<sup>37</sup> *Comércio de Guimarães (O)*, nº 2397, de 12/10/1909.

<sup>38</sup> *Administração do Concelho de Guimarães, Registo de Testamentos*, fls. 98v-100v, [cota 10-22-10-41]. Guimarães: Arquivo Municipal Alfredo Pimenta.

seu falecimento: «amigo dos pobres, sempre pronto a acudir ao infortúnio alheio, o falecido era geralmente estimado n'esta cidade pelas suas excelentes qualidades de carater». Terá sido, certamente, movido por estas intenções que decidiu oferecer aos seus concidadãos atormentados pela epidemia de varíola o folheto intitulado *Aviso ao povo para não morrer de bexigas*.

## **As fontes de Passos Lima**

Na sua publicação o farmacêutico Passos Lima cita uma variedade de textos, muitos deles em francês ou latim, demonstrando um vasto e atualizado conhecimento da área da farmácia e da saúde em geral.

Só assim se pode compreender que Passos Lima tenha escrito este opúsculo em cinco dias — os farmacêuticos foram convocados para uma reunião com o Administrador do Concelho no dia 1 de março e Passos Lima apresenta o seu texto a 6 de março. Pela mesma razão, calculamos que os livros que utilizou deveriam fazer parte da sua biblioteca.

Ao longo do texto, para além dos Evangelhos, o farmacêutico refere-se a Hipócrates, Galeno e ao médico alemão Samuel Hahnemann, fundador da homeopatia.

Relativamente a autores portugueses, é evidente o conhecimento que tem dos trabalhos da Instituição Vacínica, criada em 1812 no seio da Academia Real das Ciências de Lisboa. Esta instituição produziu alguns relatórios sobre a sua atividade, destacando-se a *Breve Instrução do que há mais Essencial a Respeito da Vaccina*, publicada no seu primeiro ano de atividade. Confrontando este opúsculo com o conteúdo do texto do farmacêutico Passos Lima, verificamos que terá sido a sua principal fonte, principalmente no que se refere à descoberta e utilização da vacina, reproduzindo quase textualmente algumas passagens. Aliás, o nosso farmacêutico alude a estes trabalhos da Instituição Vacínica, ao referir que «(...) a academia real das sciencias de Lisboa fez alguma coisa, mas tudo tem corrido, e chegado ao estado em que ahi o vemos».

Apresentamos de seguida as obras que são citadas no opúsculo, editadas entre 1813 e 1872.

*Collecção de opusculos sobre a vaccina, feitos pelos socios da Academia Real das Sciências, que compoem a instituição vaccinicae publicados de ordem da mesma Academia*

(1812). Academia Real das Ciências de Lisboa. Disponível em <http://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/6666>

BOUCHARDAT, A. (1872). *Annuaire de therapeutique, de matière médicale, de pharmacie et de toxicologie*. [S.l.]: Germer Bailliere.

*Dictionaire abrege des sciences medicales, redige a Paris par une partie des collaborateurs du grand dictionaire et enrichi d'une appendice contenant des articles nouveaux par des professeurs Italiens* (1823). Milan: Bettoni.

HUFELAND, Christoph Wilhelm (1838). «*Enchiridion medicum*», ou *Manuel de médecine pratique...* Paris: Librairie Medicale et Scientifique de P. Lucas.

MÉHU, Camille(1872). *Annuaire Pharmaceutique*. Paris: Librairie J. B. Baillière et Fils.

PINEL, Philippe (1813). *Nosographie philosophique ou La Méthode de l'analyse appliquée a la médecine*. 5. ed. Paris: Chez J. A. Brosson, Libraire.

REIS, José Pereira (1852). *A Homeopatia, o que é e o que vale*. Porto.

TROUSSEAU, Armand e PIDOUX, Hermann (1836). *Traité de thérapeutique et de matière médicale*. Tomo 1. Paris.



MANUEL JOSÉ DE PASSOS LIMA  
Pharmaceutico em Guimarães

AVISO AO POVO  
PARA  
NÃO MORRER DE BEXIGAS

ou

Considerações sobre a epidemia da variola

Guimarães  
1873





# PREFACIO.

*Snr.*

Havendo a auctoridade administrativa d'esta cidade, convidado os pharmaceuticos, para prestar por todos os meios ao seu alcance, o maior auxilio ás classes desfavorecidas da fortuna, na presente constituição epidemica das bexigas, e conformando-me eu, com a iniciativa d'aquelle bom magistrado, resolvi publicar um regulamento para guiar o povo sobre os meios de que deve lançar mão, em quanto que o medico não chega para soccorrer os enfermos atacados d'este flagello.

Póde formar um pequeno folheto que, attendendo á rapidez com que marcha aquella enfermidade, prestará grandes serviços ao povo considerando a falta que ha de facultativos.

Por esta razão, faço presente a v. do authographo para ter a bondade publical-o, esperando que o faça de fôrma que fique o mais barato possível, para d'est'arte secundar os desejos que tenho, de fazer algum serviço ao povo pobre, a quem o dedico: «*Da maneira que poderes: diz o Espirito Santo: sê caritativo — Quomodo potueris, ita esto misericors.*» (Tobias. cap. 4.<sup>o</sup> vv. 8.)

Não é grande a offerta que lhe dou, porém é muito valiosa, por lhe proporcionar com ella a occasião de fazer bem aos pobres, e para ao mesmo tempo, juntar um rico thesouro que nem a ferrugem, nem a traça, nem os ladrões lhe podem destruir: «*Thesaurisate autem vobis thesauros in coelo.*» (S. Math. 20.)

Deus guarde a v. por muitos annos. —  
Guimarães, pharmacia da rua Travessa 6 de Março  
de 1873.

O PHARMACEUTICO

*Passos.*

*Illm.<sup>o</sup> e Excm.<sup>o</sup> Snr.*

*«Rectorem te posuerunt? nolli extolh:  
«esto in illis quasi unus ex ipsis.*

«Pozeram-te por director dos outros?  
«nao te eleves por isso: sê entre elles  
«como um d'elles mesmos.»

(Ecel. 32.)

A pagina mais lisongeira e luminosa da vida do magistrado, é sem duvida aquella, não em que elle dardeja a vara da justiça, mas sim aquella em que elle desenvolve toda a sua sollicitude em minorar as dôres do seu povo, quando elle é massacrado pelo açoute das calamidades publicas.

V. exc.<sup>a</sup> congregando em volta de si, os homens da sciencia, para resolver e providenciar sobre o modo de tornar menos funesta ás povoações d'este concelho a epidemia da variola, na presente crise, mostra que comprehendeu bem o conselho que o

Espirito Santo dictára a todos os homens que governam.

No dia 1 do corrente mez de Março, convidou v. exc.<sup>a</sup> todos os pharmaceuticos, a cuja classe, ainda que indignamente, eu muito me honro de pertencer. Succedeu infelizmente, que não me sendo possivel comparecer no dia e hora aprasada, recebi de v. exc.<sup>a</sup> dispensa, que muito agradeço; mas como dissesse a v. exc.<sup>a</sup> no meu escripto, que me prestava a tudo quanto fosse para o bem geral do povo, fui no dia seguinte saber de meus collegas quaes as ordens que v. exc.<sup>a</sup> tinha dado.

Com effeito soube, que v. exc.<sup>a</sup> nos convidára a prestar todo o auxilio aos doentes atacados das bexigas, que estejam em circumstancias desfavoraveis, e com poucos recursos para medicarse no seu domicilio.

Com muito gosto, excm.<sup>o</sup> snr., me associo a tão nobre convite, mas como saiba, pela observação diuturna, que no espirito e educação do povo, estão introduzidos erros enormes, respeito ao modo de soccorrer os enfermos d'esta molestia, e que em virtude de taes preconceitos, é que dimana o grande numero de victimas da sua estatistica funeraria; erros, excm.<sup>o</sup> snr., que nem os esforços empregados pelos facultativos ha tantos annos, tem sido capazes de desarraigar do coração do povo.

Eu, excm.<sup>o</sup> snr., a quem a sorte condemnou, quasi que a soccorrer pobres na minha pharmacia, tenho-me cançado em vão para desviar o povo do costume em que está de dar *vinho* aos doentes das bexigas, bem como muitas outras bebidas estimulantes e caleficientes, mas não é possível, excm.<sup>o</sup> snr., é bem cruel esta missão!

Sim, excm.<sup>o</sup> snr., seria muito para desejar que os poderes publicos, instituíssem regras firmes, encarregando os senhores parochos para instruir o povo sobre erros tão funestos, como se tem feito em muitas nações civilisadas, principalmente na Inglaterra e Allemanha.

Tenho calculado, e alguns escriptores igualmente, que a imprudencia de muitas familias, só em ministrar vinho aos doentes das bexigas nos 3 primeiros dias da erupção, tem transformado em *confluentes* as bexigas que essencialmente eram *discretas*.

Era a um medico a quem por auctoridade e competencia, pertencia esta tarefa; mas como saiba o immenso trabalho que carrega seus hombros, é o motivo porque deliberei publicar este ligeiro esboço, que dedico ao povo pobre, mórmente ao das aldeias, por lhe ser mais difficil obter facultativo.

Disse que o dedico ao povo, o que faço pelos mais santos deveres da caridade, e v. exc.<sup>a</sup> veja

tambem n'isto, o testemunho da minha maior  
dedicação para com v. exc.<sup>a</sup>

Deus guarde a v. exc.<sup>a</sup> por muitos annos.  
Guimarães, pharmacia da rua Travessa 6 de Março  
de 1873.

O PHARMACEUTICO

*Passos.*

# CAPITULO I

## EPIDEMIAS

«Cognitio morbi est  
«materia remediorum.»

*Gal. liv. 2. de alim.*

Este termo, que vem de duas palavras gregas, na nossa linguagem, quer dizer: *mal, que está em cima do povo*. É, na verdade, eloquente a definição.

O texto que me serve de base para este capitulo, do famoso medico de Pergamo Claudio Galeno, mostra muito bem, nas suas poucas palavras, qual é o negro e espesso véu que tapa os olhos no exercicio da medicina, e que tantos homens



eminentes se tem esforçado em vão por desvanecer ha mais de dous mil annos — «*Cognitio morbi!*»

A experiencia nos mostra, e os mais sabios, doutores de medicina o confessam, que quasi sempre a sciencia se vê embaraçada para pôr o dedo na causa das enfermidades: «*certitudinem autem exactam raro videre contingit.*» (Hipp. liv. de veteri medic.) — o que torna o seu ministerio difficil, trabalhoso e ingrato, mórmente nas doenças *epidemicas* como as bexigas, que tendo uma marcha tão accelerada, não dão tempo, a que o medico faça as observações indispensaveis e prudentes, para estabelecer uma therapeutica segura e efficaz.

São muitas as hypotheses, que os sabios procuram para o ponto de partida de suas theorias, quando querem explicar a causa das *epidemias*, — porém a tal respeito, se não sabemos menos, estamos: *sicut erat in principio* —; tem-se dito tantas couzas, que, se não fazem todas chorar, algumas d'ellas fazem rir; os medicos mais rasoaveis, attingem a muitas cauzas aceitaveis, porém ainda não poderam passar d'isto: «*Rarement une éptdémie dépend d'une seule cause.*» (Dicc. de scienc. med. tom. 6.<sup>o</sup> pag. 549.)

Segundo me parece, só a chimica com o seu olho penetrante e analysador, mettendo seu possante braço no exame dos fluidos do corpo humano nas

differentes phases da vida; passando depois ás indagações elementares das influencias climatericas, em differentes epochas, em todas as quadras do anno, em todos os pontos do globo, e finalmente debaixo da influencia de todas as constituições medicas, — é que poderia aclarar as trevas em que está este ponto da sciencia: mas como póde a sciencia humana invadir este labyrintho da nova Creta, no meio de elementos inconstantes, desconhecidos e inponderaveis?

Todavia, os medicos, menos por interesse, mas por sublimes sentimentos de humanidade, teem feito muito e muitissimo, porque ao menos teem mostrado, que as influencias dos climas e das estações, o calor, o frio, a electricidade, as revoluções phisicas e moraes porque passa a humanidade, e a influencia da alimentação, se não tomam parte directa, coincidem ao menos, com esta *rede varredoura* com que Deus quando muito Lhe apraz dizima as grandes povoações da terra; e, só Elle, sabe se estes pavorosos successos entram no grande programma da Sua Omnipotente economia do mundo! (Leon March.)

Os sábios, estudam, investigam, trabalham, e aperfeçoam seus conhecimentos; depois, legam ás gerações que vem surgindo o producto de seus labores, mas os futuros nem sempre acceitam as

maximas dos passados; tornam a tomar novo rumo, todos cuidam que deram com o fio de Ariadna, e afinal de contas, só chegam diante do grande templo vedado aos homens, aonde não podem entrar, mas só se podem approximar a distancia bastante para poder lêr a sentença que Deus poz em sua fronte — «*Não passeis adiante*» —. Já a Sabedoria infinita havia dito pela bocca do Apostolo — «*O allitudo devitiarum sapientiae, et scientiae Dei: quám incomprehensibilia sunt judicicia ejus*». (S. Paulo. Epist. ad Rom. 11, 33).

Reparando, que me ia alongando muito n'uma materia estranha ao meu proposito, retomo o fio ao assumpto que desejo tractar.

Pouco aproveita ao povo saber a origem d'este flagello, por tanto, limitto-me a dizer-lhe que deve tractar em primeiro logar de implorar a Mizericordia Divina, e procurar opportunamente os soccorros da medicina; e fazendo isto, faz quanto humanamente se póde, e deve fazer.

Notemos de passagem que com quanto não convenha que o povo se preocupe do susto que trazem estas calamidades sociaes, é necessário todavia, que lhe digamos, que todo o cuidado é pouco para lhe fugir ao açoute, porque a historia é tristemente celebre a tal respeito: só em Marselha, no seculo passado em sete mezes, morreram trinta

e nove mil habitantes, segundo uns, e cincoenta mil segundo outros; na Russia, morreram cento e trinta e tres mil pessoas em treze mezes; posto que não de bexigas só, mas de uma enfermidade muito identica; antes do descubrimento da vaccina, morriam annualmente na Grã-Bretanha, para cima de quarenta mil pessoas de bexigas; em Lisboa no anno de 1718 morreram mais de dez mil creanças. (Cast. tom. 2.<sup>o</sup> pag. 461.)

A miseria publica, pela falta de condicções hygienicas, é o petroleo incendiario que devasta as populações, — e o exemplo lethifero do cerco de Pariz em 1871, dá uma prova d'esta triste verdade; porque a sua *estatistica* mostra que — em janeiro de 1870 morreram de bexigas 183 pessoas, e em janeiro de 1871, morreram 1638, sendo claro que o augmento da lethalidade, proveio das privações e da miseria. — (Bouch: ann. de therap. de 1872, pag. 213.)



# CAPITULO II

## VACCINA

*«Il est difficile de citer une decouvert  
«em médecine, dans la quelle ont ait pro-  
«cédé avec autant d'ordre, de method  
«et d'imparialité quá l'egard de la vacci-  
«ne.»*

(Pin. Nosog. phil. tom. 2.<sup>o</sup> pag. 42.)

Assim como ha homens detestavelmente monstruosos, que envergonham a raça humana, também ha homens assás beneméritos para ennobrecel-a.

O descubridor da vaccina foi um d'estes homens, a quem a humanidade muito deve tributar.

Em 1798, Eduardo Jenner era um medico inglez em Berklei, que tinha observado por muito tempo, *que no condado de Gloucester, havia uma antiga crença, que era a seguinte: que as vaccas de leite são atacadas em tempos humidos, de certa erupção vesiculosa nos ubres, que ao mesmo tempo se communica a quasi todas; que as pessoas que tem a seu cargo mugilas, são infeccionadas das mesmas vesiculas nas mãos, se n'estas ha a mais leve arranhadura; e que ellas finalmente, nunca mais ficam sujeitas ao contagio das bexigas.*

Muitos foram os ensaios e estudos que Jenner pôz em pratica, para deduzir d'aqui a instituição antidotaria da vaccina contra a variola, porém pôde conseguil-o, e com tanta fortuna, que ainda viu em seus dias, seus trabalhos generalizados por todas as partes, aonde se acham hoje.

Apesar d'isso, esta maravilhosa descoberta foi tambem controvertida, assim como é tudo aquillo que apparece no mundo, com o sinete da novidade.

O dr. Woodoville, medico da innoculação das bexigas no hospital de Londres, oppoz-se a este humanitario melhoramento, mas ficou vencido pela eloquencia dos factos; e a vaccina está reconhecida como o melhor antidoto preventivo da variola; de forma que, nas maiores povoações da Inglaterra ha instituições publicas da vaccina; e Mylord conde de

Elgin no anno de 1800 introduziu-a em Constantinopla aonde era embaixador.

Em Genebra, Odier, Donant, e Colladon, no meio da força epidemica das bexigas, promoveram a vaccinação, e associando aos seus esforços o dos sacerdotes, suspenderam os estragos da variola; em toda a Allemanha se encontram os mesmos esforços; na Russia a vaccina acha-se generalisada; Mr. Jefferson a introduziu nos Estados-Unidos, e nas tribus dos Indios. Na Allemanha, ha certa pena pecuniaria, estabelecida por lei, e rigorosamente executada, contra os paes que não vaccinarem seus filhos: vimos com gosto no principio d'este mez, o parecer que a sociedade de sciencias medicas de Lisboa deu ao governo a proposito da vaccina, — seguindo aquella ideia de impôr aos paes uma condemnação, quando não vaccinem seus filhos. Não posso concluir, sem dar uma explicação que se refere a um receio introduzido no povo, o qual poderá arredar da vaccina muita gente, com medo de fazel-o na occasião em que grassa a epidemia variolosa. É na verdade o unico ponto por onde a vaccina poderia ser discutivel, mas como contra os factos inconcussos não se possam emittir opiniões adversas, tenhamos como certo que se pôde vaccinar em todo o tempo. Quando elaboravamos o presente escripto, veio um exemplo frisante,



sucedido n'esta cidade, fortalecer os escrupulos em que está muita gente respeito á vaccina no tempo da epidemia variolica.

Uma criada da snr.<sup>a</sup> D. Delfina do Amaral Ferreira na rua Nova das Oliveiras, acaba de fallecer, dando-se hontem á sepultura, victima das bexigas confluentes, — dizendo-se que ella havia sido vaccinada, e que, *diz o povo*, fôra victima da vaccina.

Este modo de concluir, seria o mesmo que nos fizesse tambem suppôr que uma casa fôra roubada pela ultima pessoa que lá entrára! mas este erro do povo não admira, por que é sempre fácil de impressionar com assumptos que o aterram.

É pois aos homens da sciencia a quem cabe o dever de aclarar a verdade, porque é só com a verdade que a humanidade lucra.

Ainda mesmo, quando fosse provavel que um ou outro caso da vaccina fosse funesto, por exemplo de mil casos, um; — de cem, um; ou de dez, um: ainda assim a vaccina devia aproveitar-se como um grande bem geral.

Mas pelo contrario, é preciso que o povo nos acredite, por que tomamos a Deus por testemunha, n'esta hora em que nos occupamos com o bem geral da humanidade, — a vaccina foi muito discuttida, muito contrariada, e os seus oppositores cahiram

desarmados diante da infinita immensidade dos factos; — está acreditada em todo o mundo civilisado, como um dos melhores beneficios que Deus enviou do céu. Mas note-se bem:

## 1.º

É necessário que o povo saiba que, quando a vaccina appareceu, todas as attensões dos sabios e curiosos cahiram de chofre sobre a recente innovação, como sempre succede.

## 2.º

Isto não foi a obra de um charlatão que se impõe nas feiras, nas praças, e nos jornaes com nomes cabalisticos, impondo-se assim ao povo rustico e de boa fé. Foi um facto casual e phisiologico que observado attentamente foi transportado pelo dr. Jenner para a sciencia como contra-veneno preventivo das bexigas, e como tal offerecido á contemplação dos sabios, como dissemos mais acima.

## 3.º

Depois de estudada a vaccina, e observados todos os seus resultados, tanto no tempo epidemico, como na ausencia das bexigas, todas as summidades medicas d'aquelle tempo a receberam como um grande beneficio humanitario, e receberam-n'a de uma tal forma que, não só a recommendavam em seus escriptos, nas academias,

aos seus doentes, mas até usavam d'ella em sua própria familia! Em Vienna, o dr. Ferr. vaccina seus tres filhos, o dr. Decarr segue logo o seu exemplo vaccinando seus dous filhos; e depois inoculou-os com virus variolico que ficou nullo! N'uma palavra, Heim, e Hufeland em Berlim, Sacc em Milão, Marshall em Napoles, Lavater em Zurich, Moreschi em Veneza, Stromeyer e Ballhorn em Hanover, Sassi em Genova, Gregori e Spence em Edeivburgh, todos á porfia vaccinam o povo de todos os sexos e idades, e não acharam um só caso que lhes pozesse em duvida a efficacia da vaccina; todos os governos hoje obrigam seus povos á vaccina, porque emfim attendendo á sua utilidade, é mais uma medida politica e de hygiene publica, do que um recurso therapeutico! Já atraz fallei do que succedeu em Genebra respeito á vaccina, mas accrescentarei, que o meio que os medicos acharam para exterminar uma forte epidemia de bexigas, — foi vaccinar o povo todo, no meio d'essa mesma epidemia; e assim se salvou aquella povoação. Em Linieres, os habitantes convencidos pela voz de seus ministros espirituaes, fazem sem excepção vaccinar seus filhos; no Val de Travers onde as bexigas principiavam a mostrar-se terríveis, consegue-se desterral-as por uma vaccinação em massa. Em

Francfort, em Hanover e em Berlim encontra-se o mesmo zelo, e os mesmos resultados.

## 4.º

Diante d'esta fiel historia da vaccina, quem pôde pôr em duvida o seu emprego, dentro e fóra da epocha da epidemia variolosa? Esta doente que falleceu ante-hontem na rua nova das Oliveiras, pode servir de assumpto para desvirtuar um beneficio reconhecido pelo mundo inteiro? Não podia essa rapariga estar já com o organismo saturado de infecção variolica, e ter de cahir doente n'essa mesma occasião em que adoeceu? É necessário que o povo reconheça que a vaccina não tomou parte directa nem indirecta na terminação funesta da doença, o que apenas se pôde deduzir, é que a vaccina não teve forças para salvá-la. Estejamos certos d'isso.

## 5.º

É necessario finalmente, que esta doutrina seja aceite como desinteressada, por quanto, sendo certo que a vaccina extermina as bexigas, tudo redundando em favor do povo, mas não em favor da classe medico-pharmaceutica.

Concluirei este capitulo com o atraso em que está a vaccina em Portugal. Em 1805, o principe regente magoado pela morte de seu irmão o principe D. José queimado com bexigas, e mais

peçoas de sua familia, mandou vaccinar seus dous filhos, pelo medico da casa real o dr. Picanço, e com este exemplo entrou a vaccina em Portugal, de fórma que toda a nobreza tomou este exemplo, espalhando-se por todo o paiz, quando a invasão dos francezes suspendeu a sua propagação. Pouco depois a academia real das sciencias de Lisboa fez alguma couza, mas tudo tem corrido, e chegado ao estado em que ahi o vemos.

Finalmente, convencido de que a palavra auctorizada dos ministros da nossa religião, é a mais competente para ser escutada pelos povos, por que lh'a dirigem sempre em nome de Deus, vamos offerecer-lhe as mesmas palavras, que o Instituto Vaccinico de Edimburg, dirigiu ao clero da Escocia; é assim:

— «Cada parochó, depois de baptisar um menino pode agora cheio de confiança e certeza intimar a seus paes, este quasi preceito, em razão da sua grande auctoridade, dizendo-lhes: — «Se esta creança morrer de bexigas naturaes, vós sómente sois o culpado da sua morte, por que tendes na vossa mão um prompto e eficaz meio de a livrar d'esta fatal enfermidade, e este meio é a vaccina DADIVA DO CEU.» (Inst. Vacc. de Ed. pag. 28.)

# CAPITULO III

## SOCCORROS URGENTES PARA OS DOENTES DA VARIOLA

*« Quanto não será feliz aquella que.  
« sem ser facultativo, tiver aprendido a  
« salvar a vida d'um parente querido,  
« ou de qualquer outra pessoa, e o ti-  
« ver conseguido. »*

(Dr. Assis. — Rel. da cholera-morbus  
em Pariz.)

Pelos capitulos antecedentes, se vê que procuramos a ordem methodica assignada pela

sciencia, a qual colloca e prescreve em primeiro logar, o preceito de prevenir as enfermidades pelos meios prophylacticos, antes de proceder aos meios de conseguir a sua cura, que só tem logar quando se não pode evitar a sua invasão.

O povo deve meditar pausadamente n'estas pequenas regras que aqui lhe traçamos, para não confundir os meios curativos com os meios preservativos.

A vaccina, pois, de que fallamos no capitulo antecedente, não é um agente curativo, que possa servir de medicamento, para curar a variola depois que ella se verifique; é um contra-veneno que, introduzido no nosso corpo por uma pequena feridasinha, que nem deve gotejar sangue, pelo qual ficamos livres de ser insultados pelas bexigas.

Um professor da eschola medico-cirurgica do Porto exprime-se assim: «*E como a molestia das bexigas não ataca por via de regra, mais de uma vez conta-se um ataque de vaccina, por um ataque de bexigas; por tanto as bexigas não se curam com a vaccina, mas previnem-se.*» — (Dr. Reis — Homocop. o que é e o que vale — pag. 32.)

Emquanto aos meios de soccorrer os enfermos, o povo deve saber, e partir dos seguintes principios:

## 1.º

As bexigas, são uma das mais graves inflammações do systema dermoide que consiste em uma erupção geral, acompanhada de um grande aparato febril, mais ou menos maligno.

## 2.º

O povo deve saber, que as bexigas são epidemicas, isto é, que atacam muitas pessoas, e invadem muitas povoações ao mesmo tempo em differentes estações do anno, — mas note-se bem, são além d'isso eminentemente contagiosas: *En effet, la voriole se transmet et se perpélue comme par une veritable generation.* (Trouss. therap. tom. 1.º pag. 595.)

## 3.º

A descripção completa do quadro symptomatico das bexigas é impossível aqui, tanto por ser muito extenso, como também porque os symptomas nem sempre figuram todos no mesmo individuo.

## 4.º

O povo, deve saber que ha duas especies de variola que as torna muito distinctas — ha as bexigas *discretas* que são muito benignas, e ficam quasi sempre limitadas a umas pequenas pustulas, sem comprometter as funcções geraes da vida; ha as bexigas *confluentes*, que se caracterisam por uma violenta inflammação na pelle, com as pustulas em



perfeita contiguidade, provocando enormes sympathias e desordens no organismo. Quando isto succede, o doente morre em poucos dias, em resultado da dupla phlegmasia mucosa e cutanea; e aquelles que escapam, poucos são os que não ficam cegos ou aleijados para sempre.

O perigo está na razão directa da idade; da gastroenterite; da encephalite e das desordens nos outros órgãos importantes á vida. As pintas negras ou petechias; a pequenez das pustulas e sua fórma achatada, são de um presagio horrivel.

Finalmente, ha ainda outras variedades, que são mais accidentaes que essenciaes, interessando mais á sciencia, que ao povo.

Devendo tambem notar-se, que as bexigas podem vêr-se complicadas com outras molestias concorrentes, sendo quasi sempre suas companheiras inseparaveis as febres perniciosas ou ataxicas, o que torna as bexigas assás perigosissimas: «*La vie a besoin ensuite d'être renouvelée, pour ainsi dire, jusque dans ses derniers fondements.*» (Hufeland, man. de med. prat. pag. 204.)

## 5.º

Os antigos, convencidos da ideia de que as bexigas não eram outra couza mais do que a existência de um veneno desconhecido, que a

natureza se esforçava por lançar de dentro para fóra do corpo, estabeleceram a pratica perniciosa de ministrar aos doentes um tractamento hypersthenisante, em que entravam os tonicos, os diaphoreticos, o vinho e outros muitos agentes estimulantes, — junctando-se a isto a circumstancia de os abafar com roupas, e em logares pouco ventilados; era a voz alarmante do humorismo: «*Varus, hoc est, varus exiguus, durusque tumor est infaciei cute abortus.*» (Gal. lib. de rem. — Cast. tom. 2.º pag. 461.)

## 6.º

O povo deve pois seguir um methodo inteiramente opposto, que é, aquelle que os progressos da medicina tem feito em nossos dias.

Deve pois toda a pessoa que em tempo de epidemia variolosa, vir uma pessoa com nauseas, horripilações, dôr de cabeça, prostração e fastio, deve saber que as bexigas lhe batem á porta, e é n'esse dia que começa o primeiro periodo da invasão, e é o tempo mais precioso para os soccorros mais decisivos, a que a sciencia dá o nome de periodo da irritação.

Aquelles que poderem chamar um medico, devem fazel-o logo, mas quem o não poder obter, deve guardar-se de dar bebidas calefacientes e excitantes, vinho, diaphoreticos, etc., porque, por

tal meio, a inflamação cutanea redobrara a sua força, e a descarga purulenta será tal que o doente morrerá em poucos dias, por que a quantidade do virus está na razão directa da violencia do trabalho inflammatorio.

As primeiras cousas, pois, que devem fazer-se, são:

I - Como já disse acima, quem poder chamar um medico, deve tractar d'isso sem perda de tempo, por que é um axioma corrente em medicina, baseado na auctoridade de Hyppocrates: «*Medici ab initio vocandi, né, si seriús vocalus sit, oeger ob morbi celeritatem pere.*» (Hipp. lib. de art. — Cast. pag. 545 tom. 2.<sup>o</sup>) O doente será collocado em uma sala ampla, limpa, e aonde o ar se renove facilmente, — não dormindo junto d'elle pessoa alguma.

II - Coberto, mas deve estar o tempo que poder fóra da cama, e quando se deite no leito não se cubra demasiado.

III - Deve-se dar ao doente um vomitivo, porque, ou sejam *discretas, confluentes* ou malignas, o vomitivo, nunca pode estar contra indicado, por ser aconselhado pelos bons medicos antigos e modernos — «*Curatio exanthematum ante eruptionem fit.*» (Pascal, e curv. pag. 792.)

E mesmo quando a utilidade do vomitivo, não podesse explicar-se pela propriedade evacuante, e descomplicadora, justificava-se a sua virtude pela medicação transpositiva, ou substitutiva que é o unico ponto luminoso e philosophico da theoria de Hahnemann; Tr. therap. tomo 1.<sup>o</sup> pag. 470.

IV - Ao mesmo tempo, largos e portateis sinapismos nas extremidades inferiores; o uso de bebidas diluentes, acidas e aromaticas. Um ou dous dias, com estes soccorros, fazem-se grandes serviços ao enfermo, porque se consegue que a doença fique estacionaria, ou se ella apesar d'isso progredir, será com mais vagar, e n'este meio tempo chega o medico, que acha o doente soccorrido, e passa a estabelecer o tractamento definitivo.

V - É preciso notar, que estes recursos que deixo apontados são infalliveis nos casos simples da variola, porém ainda que sempre muito vantajosos em casos malignos e graves, — é preciso que o medico seja chamado o mais depressa possivel, mórmente se as familias virem que o doente dá signaes de delirio.

VI - Apesar de ser de per si, a variola já uma doença muito grave, não faria tantas victimas, se o povo soubesse usar dos meios que deixo apontados acima. Quem não recuará quando vir dar vinho a beber aos doentes das bexigas, bastando só um

ligeiro golpe de vista para se conhecer que os enfermos atacados por ellas, estão ardendo com uma febre que os queima? Os médicos francezes, dizem que os doentes tractados assim, quando não morrem logo, são victimas da tysica, cegueira, e de outras doenças horriveis. (Pin. tom. 2.<sup>o</sup> pag. 35.)

VII - Se nas freguezias ruraes, aonde o povo não tem facultativos que lhe preste soccorros, passados os primeiros quatro ou cinco dias do periodo da irritação, que é o tempo em que a natureza soffre a percepção do veneno variolico, e da reacção do organismo, que deve ser combatido pelos meios indicados acima no § 3.<sup>o</sup> — e passados, dizemos nós, estes dias, o doente mostrar symptomas de prostração, e que o pus comece a apparecer nas pustulas, podem-se dar alguns medicamentos amargos, hem como algum vinho tino.

VIII - O ultimo periodo, que é a mortificação do examthma contagioso, ou o da dessecação, é quando o doente corre o maior perigo, pelo risco do refluxo que o pus possa fazer para o interior do corpo. É n'esta epocha, que se deve proceder á ruptura das visiculas purulentas, dar sahida ao virus, e ministrar um tractamento, tonico, laxativo, diuretico, em que entre a quina, chicorea, valeriana, serpentaria, sulfato de soda, nitro, e uma

alimentação restaurante. (Pin. Nosog. phil. tom. 2. pag. 38.)

IX - Deve-se fomentar o corpo logo desde o principio com alcool camphorado phenisado, e com vinagre aromatico morno, para diminuir a tendencia putrido-maligna da variola.

X - Devem-se mudar todos os dias as roupas brancas das camas, bem como as camizas, e devem-se despejar os vasos logo que os doentes façam alguma evacuação.

XI - Os doentes, podem usar com muita vantagem do acido phenico interiormente em forma de limonadas, — porque segundo a experiência dos medicos modernos este medicamento tem a virtude de embaraçar a putrefação do sangue typhoide e varioloso, ainda que elle não ataque directamente os microzoares — que o constituem: *Il arrête la patrixacion du sang typhoide et varioleux.* (Mehu. Ann. pharm. de 1871 a 1872 pag. 319.)

Eis aqui como os medicos francezes fazem uso d'este medicamento: logo no começo das bexigas dão-n'ò aos doentes, — para os adultos, 1,0 — e para as mulheres e pessoas debeis, 0,8 — *Il regard donc cette medication comme efficace et innoffensive.* (Chauffard. acid. phen. dans la variole. ann. de Therap. de 1871 a 1872.)

Ha meios mais energicos para oppor á epidemia que nos occupa, mas por serem de muito difficil applicação e opportunidade, não os lembramos ao povo, porque só os medicos é que podem empregal-os com segurança: «*Duo in morbis prestunda sum: adjuvare, aud saltem non nocere.*» (Boerr.)

De mais, todos os soccorros que apontamos não são arriscados; por que, ensinar meios de resultado duvidoso, e, que requerem a pericia da sciencia, o menor prejuiso seria roubar as forças aos doentes, e depois não poderem resistir aos effeitos da alteração profunda que as bexigas levam a todo o organismo, não podendo atravessar as phases da reconstituição phisiologica da economia por uma convalescença perfeita.

# CONCLUSÃO

Este breve esboço que offereço aos pobres, poderia ser mais desinvolvido e correcto, — mas tanto pela natureza do seu destino, como pelo pouco tempo de que pude dispôr, e com as interrupções inherentes a um estabelecimento de pharmacia, — tudo isto me impossibilita de conseguil-o. E perdoe-nos o pae da arte, por lhe não respeitarmos o seu — *nonum in annum*. Quasi todas as proposições doutrinaes e scientificas, vão auctorisadas com o nome dos escriptores sabios que pude consultar, para não arriscar qualquer proposição menos util á beneficencia publica: *interroga majores tuos*, disse Deus.

Oxalá que este trabalho seja recebido como as minhas intenções o dictaram, sem a menor sombra



de interesse, dando-me por bem pago se tiver a ventura com elle de salvar a vida a uma só pessoa; unicamente movido pelos sentimentos de caridade, que nos recommenda Jesus Christo pela bocca de S. Paulo, quando diz: — «Tudo o que fizerdes, fazei-o de boa mente, como quem o faz pelo Senhor». *Quodcumque facitis ex animo operamini sicut Domino.* (S. Paulo aos coloss. cap. 3. vv. 23.)

Guimarães 7 de Março de 1873. Pharmacia da rua Travassa.

## O PHARMACEUTICO,

MANOEL JOSÉ DE PASSOS LIMA.





“É preciso que o povo nos acredite, por que tomamos a Deus por testemunha, n’esta hora em que nos occupamos com o bem geral da humanidade, — a vaccina foi muito discutida, muito contrariada, e os seus oppositores cahiram desarmados diante da infinita immensidade dos factos; — está acreditada em todo o mundo civilizado, como um dos melhores benefícios que Deus enviou do céu.”

Extrato do texto de  
Manuel José de Passos Lima